
As violências ocultas dentro do universo esportivo feminino: uma abordagem dentro do handebol

Michelle Clerc de Matos*

michelle.clerc@hotmail.com

Thaís Bastos Xavier*

*Universidade Salgado de Oliveira

Resumo

As violências de gênero contra a mulher assumem diversas formas, podendo ser físicas, psicológicas, sexuais, econômicas e simbólicas. Para o entendimento da mesma, é fundamental perceber que sua gênese e manutenção na sociedade estão relacionadas ao conceito de patriarcado. Estudar a participação das mulheres no esporte na contemporaneidade é um tema de grande importância, dada as polêmicas, as controvérsias, os preconceitos e os estereótipos que, ainda hoje, circundam o seu envolvimento no contexto esportivo que são ditas como violência. O objetivo do presente estudo é proporcionar um melhor embasamento sobre o tema, além de reflexões pertinentes dentro do cenário atual da mulher no esporte, fazendo uma breve revisão dos principais temas abordados na literatura exclusivamente com atletas de handebol. Diante dos resultados, a figura da mulher atleta não é tão valorizada comparativamente à figura do homem atleta. Em conclusão, nota-se que é preciso resgatar os sentimentos nobres gerados pelo esporte, ou seja, resgatar a cooperação, a solidariedade, o respeito e o companheirismo. É preciso também valorizar a mulher no cenário esportivo por suas habilidades para enfrentamento da violência no esporte e oferecer novas possibilidades de vivências no esporte, proporcionando mais visibilidade na mídia e apoio de patrocinadores, para que cada vez mais as atletas consigam ganhar espaço diante da sociedade.

Palavras-chave: violência, atleta, mulher, esporte, handebol.

Hidden violence within the female sports universe: an approach within handball

Abstract

Gender-based violence against women takes many forms and can be physical, psychological, sexual, economic, and symbolic. It is essential to realize that its genesis and maintenance in society are related to the concept of patriarchy. Studying the participation of women in sport in contemporary times is a topic of great importance, given the controversies, controversies, prejudices, and stereotypes that, even today, surround their involvement in the sports context that are said to be violence. The objective of the present study is to provide a better basis on the theme, in addition to pertinent reflections within the current scenario of women in sport, making a brief review of the main issues addressed in the literature exclusively with handball athletes. Because of the results, the figure of the female athlete is not as valued compared to the value of the male athlete. In conclusion, it noted that it is necessary to rescue the noble feelings generated by sport, that is, to recover cooperation, solidarity, respect, and companionship. It is also required to value women in the sports scene for their skills in coping with violence in sport and offer new

possibilities for sports experiences, providing more visibility in the media and support from sponsors. That way, more and more athletes can gain space in society.

Keywords: violence, athlete, woman, sport, handball.

INTRODUÇÃO

A origem etimológica da palavra violência vem do latim, *vis*, que significa força, vigor, potência, emprego de força física, quantidade, abundância, essência ou caráter essencial de uma coisa. A etimologia do termo evidencia a ideia de uma força não qualificada que se torna violência não apenas quando passa da medida, mas também quando perturba uma ordem, rompendo acordos e regras das relações (Michaud, 1989).

Violência é, portanto, um ato de brutalidade, abuso físico e ou psíquico contra alguém e caracteriza relações sociais baseadas em opressão, intimidação, medo e terror (Chaui, 1998). A violência de gênero constitui elemento fundamental das relações assimétricas existentes entre homens e mulheres, crianças, adultos e idosos. Essa se faz presente em quase todas as ações humanas: na política, nas leis, no mercado de trabalho, na mídia, na família, na escola, na economia e no esporte. É o resultado das relações desiguais e injustas entre homens e mulheres, na nossa sociedade, fruto da dominação e da opressão, onde se delega aos homens, o papel de forte, dominador, superior, e as mulheres, o papel de submissa, frágil e inferior (Strey, 2004).

As violências de gênero contra a mulher assumem diversas formas, podendo ser físicas, psicológicas, sexuais, econômicas e simbólicas. O tipo mais comum dessa violência, a física, caracteriza-se por: tapas, empurrões, socos, enforcamentos, facadas, tiros, entre outras coisas. A violência psicológica consiste em toda a ação ou omissão que causa ou provoca dano à identidade ou ao desenvolvimento humano. Não é tão evidente quanto a física, mas geralmente está associada a ela, caracteriza-se: por deboches, insultos, ofensas, ameaças, intimidações, preconceitos e estereótipos. A violência econômica consiste na proibição ao acesso de bens materiais dos rendimentos provenientes do trabalho remunerado. A violência sexual ocorre quando a pessoa é obrigada a realizar qualquer ato sexual contra a sua vontade, mediante a ameaça ou baixo poder de reação (Strey, 2004). A violência simbólica, de acordo com Bourdieu (1996), refere-se, por exemplo, à maneira como é exposta a imagem feminina nos meios de comunicação de massa. Esse tipo de violência tem o poder de construção da realidade, através de símbolos, os quais tendem a estabelecer o sentido imediato do mundo social e são ditos como verdade absoluta no meio.

É neste sentido que a violência de gênero pode ser fundamental para compreendermos a violência no esporte. Violência de gênero, de acordo com Strey & Werba (2012), envolve ações ou circunstâncias que submetem unidirecionalmente, física e/ou emocionalmente, visível e/ou invisivelmente as pessoas em função de seu sexo, humilhação ou privação arbitrária da liberdade e que perpetue a subordinação feminina, a qual tem por objetivo estabelecer os limites de controle que se exerce contra a mulher.

Para o entendimento da violência de gênero, é fundamental entendermos que sua gênese e manutenção na sociedade estão relacionadas ao conceito de patriarcado. As relações assimétricas entre os gêneros vem mostrando que as sociedades patriarcais sustentam relações e

modos de produção nos quais os homens como categoria social levam vantagens sobre as mulheres, nas mesmas condições (Paim, 2007).

O ambiente esportivo é envolto por sentimentos tais como: vontade de vencer, agressividade esportiva, destruição simbólica do adversário e contato físico, características atribuídas ao ideal masculino (Knijnik, 2003). Desta forma, uma ação mais bruta, executada por uma mulher, oriunda de uma determinada jogada, pode ser mal interpretada, dando origem a preconceitos, discriminações, estereótipos, oriundos muitas vezes da família das atletas, da mídia, e da sociedade em geral. Nesse sentido, podemos citar alguns exemplos como: piadas estigmatizantes, insinuações quanto à sexualidade da atleta, a falta de apoio social para as mulheres que desejam ingressar no esporte, os comentários e fotos machistas utilizadas pelas mídias e a exaltação da beleza física da atleta em detrimento do talento esportivo (Paim, 2007).

Estudar a participação das mulheres no esporte na contemporaneidade é de grande importância, dada as polêmicas, as controvérsias, os preconceitos e os estereótipos que, ainda hoje, circundam o seu envolvimento no contexto esportivo. A participação das mulheres no esporte, tanto no esporte de lazer, no esporte de rendimento ou no esporte educacional, merece nossa atenção e reconhecimento, pois nem sempre foram, e ainda não são iguais às condições de acesso, aceitação e participação, quando comparada aos homens.

A inserção social das mulheres no contexto esportivo é um processo lento que começou há pouco tempo, face ao longo período em que lhes eram impostas condições de submissão, reclusão e impotência. Hoje, ainda que continuem existindo barreiras como os preconceitos, os estereótipos, a falta de incentivo e patrocínio para as mulheres se desenvolverem e crescerem no esporte, encontramos um número expressivo de mulheres envolvidas com a prática esportiva.

Desta forma, percebe-se que a mulher vem buscando seu espaço e sua identidade no contexto esportivo, assim como na sociedade. Desde a participação solitária de Maria Lenk, primeira brasileira a participar dos Jogos Olímpicos, em Los Angeles, no ano de 1932, até a grande delegação feminina enviada pelo Brasil nos jogos de Atenas em 2004, muitas foram as conquistas alcançadas pelas mulheres no esporte. Porém, ainda estão muito longe de conseguir plena igualdade e equidade quando comparadas aos atletas do sexo masculino.

O objetivo do presente estudo é proporcionar um melhor embasamento sobre o tema, além de reflexões pertinentes dentro do cenário atual da mulher no esporte. A justificativa para a elaboração do presente problema de pesquisa fundamenta-se no fato de que é cada vez maior o número de mulheres atletas, seja na forma de lazer ou no esporte de rendimento.

REVISÃO DE LITERATURA

Violência, esporte e relações de gênero no handebol

Para o entendimento da violência contra a mulher no esporte, em especial da violência psicológica e simbólica, é imprescindível que não se dissocie a questão de gênero, pois estas mantêm uma relação bastante estreita. Historicamente, as mulheres têm vivido numa cultura masculina, o que coloca inúmeros obstáculos quando querem ultrapassar os tradicionais papéis que a sociedade tenta impor a ambos os sexos.

Em um estudo longitudinal de jogadores de handebol de elite (Stornes, 2004), os resultados mostraram que era bastante comum entre o técnico e os jogadores a apelar à agressão racional e instrumental como estratégia vencedora eficiente. Incitar os jogadores a atacar e revidar era muitas vezes motivado pela atribuição de características negativas ao seu adversário. Mesmo que as táticas não sejam necessariamente causadas por raiva e hostilidade, a criação de uma atmosfera agressiva ou a insistência entre si para "enterrar a oposição" parecia permitir comportamento mais violento em quadra.

Um estudo realizado por Knijnik & Simões (2000), com a Seleção Brasileira de handebol feminino, revelou que as atletas enfrentam constantemente barreiras discriminatórias, no que diz respeito ao ideal de beleza física, imposta pela mídia e a sua condição de mulher atleta. Esses episódios de violência de gênero de âmbito psicológico e simbólico são um fenômeno cada vez mais presente em nossa sociedade. Fato esse que, ainda hoje, limita, restringe e inibe a participação das mulheres no esporte.

Outro exemplo de vitimização sofrida pelas mulheres no esporte, que vale a pena ser lembrado, diz respeito às imagens que as mídias revelam nas transmissões de jogos femininos. De acordo com Freitas (2000), é comum observarmos a câmera direcionar a lente de forma indutiva para a parte de trás do corpo de uma determinada jogadora, exatamente no momento decisivo de determinado lance que deve ser alvo de atenção de todos, e também comentários a respeito do tamanho do uniforme das atletas, ou algo dessa natureza.

Outro aspecto a ser considerado é que, embora haja um grande aumento de mulheres envolvidas com a prática do esporte, o mercado de trabalho no contexto esportivo, para a mulher, é mais restrito do que para o homem (Paim, 2008). Percebe-se a partir dessas análises que o contexto esportivo, ainda é bem machista, em seus vários níveis, seja amador ou profissional.

MÉTODOS E MATERIAIS

Tipo de estudo

Esta pesquisa consiste em estudo exploratório, de abordagem qualitativa, cujo objetivo é proporcionar um melhor embasamento sobre o tema, além de reflexões pertinentes dentro do cenário de violência, mulher e esporte, fazendo uma breve revisão dos principais temas abordados na literatura exclusivamente com atletas de handebol.

Instrumentos

Foram selecionados artigos que entrevistaram atletas de handebol, buscando respostas sobre a percepção das mesmas sobre as questões que envolvem o sofrimento de algum tipo de violência diante da sociedade. Os resultados foram avaliados através de entrevistas já realizadas por outros pesquisadores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com a análise dos artigos selecionados para a realização desse estudo, a violência ocorre afetando o estado emocional de atletas, sejam elas físicas, materiais, psicológicas, sociais, mercadológicas ou outras.

Na visão das atletas é uma violência aprendida e reproduzida, fruto das desigualdades apresentadas nas relações sociais. Estamos, portanto, diante de um fenômeno complexo, que se manifesta, com maior intensidade, no momento em que os seres humanos encontram-se desprovidos das suas necessidades básicas e essenciais, como a falta de amor, a falta de base emocional, a falta de condições financeiras, a falta de diálogo, a falta de alimentação, a falta de educação, condições essas indispensáveis para termos um desenvolvimento humano digno e aceitável.

Um dos estudos entrevistou algumas atletas ressaltando algumas questões vivenciadas tendo como tema a violência contra a mulher no esporte, em especial, a análise das consequências dessa violência para as atletas. Foi visto que o mundo do esporte acabou sendo ao longo do tempo naturalmente masculino. Os retornos financeiros entre os gêneros diferem drasticamente, fazendo com que o investimento seja imensamente maior no universo masculino.

Outro grande impasse no universo esportivo feminino se dá quanto a visão da “mulher atleta” perante a mídia, onde muitas vezes as atletas recebem destaques relativos a sua aparência física e não quanto as suas habilidades no esporte. O número de campeonatos femininos, em nível municipal, estadual, nacional e internacional é muito menor; o envolvimento da mídia é menor, entre outras diferenças com a situação masculina.

Apareceram, também, como percepções de violência, a falta de apoio familiar para as meninas praticarem algum tipo de esporte e as discriminações e preconceitos de todos os tipos, como por exemplo, em relação ao tamanho do corpo da mulher esportista e uma suposta perda de feminilidade, além de uma associação indevida entre a prática esportiva feminina e as preferências sexuais o que afastaria as mulheres do esporte.

Assim, percebemos que algumas questões aparecem constantemente, de forma bastante marcante e recorrente, no discurso das atletas retirada do artigo “Marcas da violência de gênero contra a mulher no contexto esportivo” (Paim, 2006).

“Ouvi, em uma partida de futebol, o comentarista falando que determinada jogadora era muito bonita, eu concordo com ele, mas eu não sei se é o momento do elogio. Eu francamente não sei se ela gostaria de ouvir esse comentário, ou gostaria de ouvir que ela fez um bom trabalho. Tem comentaristas que esquecem que a mulher não é um objeto, ela é um ser humano que precisa ser respeitado igualmente ao homem. (Dunga, 21 anos, atleta de handebol).”

“Muita exaltação da beleza da atleta na mídia, por exemplo, em alguns casos, poderá prejudicar o seu desempenho dentro da quadra, pois se o lado emocional está afetado, com questões do tipo: será que eu jogo bem, ou estou no time apenas por minha beleza? A atleta se desestrutura. Acho que se acontecesse com um homem, aconteceria à mesma coisa (Falcão, 20 anos, atleta de handebol).”

Parece, é minha percepção, que a mulher tem que estar sempre provando para os outros que é competente, que sabe jogar bem, que sabe administrar um time, essas coisas. E não é só isso. Se olharmos para o lado financeiro, aí a decepção é bem maior. É muito difícil uma mulher atleta sobreviver só do esporte (Hortência, 18 anos, atleta de handebol).

Acho que deve ser complicado para a mulher atleta ouvir, comentários do tipo que seu corpo está muito musculoso, que parece um homem, que perdeu a sua beleza de mulher, que são "machorras" (Maradona, 21 anos, atleta de handebol).

As falas transcritas acima mostram que são enormes as dificuldades para as mulheres permanecerem no esporte. Corroborando com as mesmas, recentemente, tivemos mais um relato dentro desse contexto. Em entrevista, a atleta de handebol Samira Rocha (ex-seleção brasileira), conta sobre a sua quebra de contrato ao avisar ao clube sobre sua gravidez. Após a sua demissão pelo clube que jogava na Hungria, precisou voltar para o Brasil, sem qualquer amparo e ainda tendo que arcar com uma multa referente ao encerramento de seu contrato competitivo. Meses após, os dirigentes buscaram sua recontração porém com uma enorme defasagem salarial, o que indica claramente o preconceito implícito no contexto esportivo feminino.

A partir destes relatos, ficou claro que a figura da mulher atleta não é tão valorizada comparativamente a figura do homem atleta. Foi possível identificar a exaltação da beleza feminina como fator mais importante, deixando de lado suas habilidades profissionais. É evidente que a aceitação e o respeito ao profissionalismo da mulher no esporte ainda não é uma realidade incorporada na sociedade. Em muitos casos o discurso das mídias legitima essa visão preconceituosa e discriminatória presente nesse contexto.

Essa é uma realidade da nossa sociedade machista, que também se reflete no contexto esportivo. Bem sabemos que a hegemonia na prática e no comando dos esportes ainda é masculina. As mulheres, aos poucos vão quebrando barreiras e conquistam espaços, dentro das quadras, apesar do contexto esportivo, ainda excluir as mulheres.

Ter um corpo "malhado", forte e belo é uma consequência do esporte, pois o corpo é o seu instrumento de trabalho. Em alguns casos a associação indevida entre corpo bonito e/ou corpo masculinizado, como garantia de sucesso profissional, pode afetar o lado emocional, e em alguns casos pode prejudicar o desempenho dentro de quadra.

No esporte, esses papéis se acentuam, pois desde cedo a sociedade define esportes específicos que devem fazer parte do universo masculino e do feminino. Por exemplo, esportes que apresentam características tais como: garra, agressividade, combate, liderança, espírito guerreiro, como é o caso do futebol e/ou futsal e do handebol, são esportes "permitidos" aos homens e "negados" às mulheres. Já para as mulheres, a sociedade permite a prática de esportes, que ressaltem sua feminilidade, como é o caso das ginásticas, das danças.

Caberia, nesse sentido, aos meios de comunicação uma conduta mais profissional, um comportamento menos conservador e mais técnico, trocando padrões preconceituosos, por questões mais abertas e mais interessantes, no que se refere ao crescimento das mulheres no contexto esportivo.

Esses fatores causadores de prejuízos psicológicos para as mulheres atletas confirmam que, apesar de toda a evolução da nossa sociedade, as relações de gênero ainda circulam no mesmo terreno: valores antigos são produzidos e reproduzidos com uma outra "roupagem". A participação da mulher no contexto esportivo pode ser considerada uma dessas roupagens.

CONCLUSÃO

Tendo como base as reflexões levantadas no presente artigo, identificamos que as relações entre esporte, violência e gênero, apresentam uma estreita conexão, formando um fenômeno extremamente complexo.

Os sentimentos desencadeados nos esportes se expressam através de um conjunto de práticas sociais, as quais mantêm estreitas ligações com a construção de gênero dos participantes.

Esportes tidos como "exclusivamente masculinos" pela sociedade precisam ter esse aspecto completamente ressignificado. Dessa forma, a imagem da mulher atleta será realmente valorizada por suas habilidades profissionais. Portanto, é preciso resgatar os sentimentos nobres gerados pelo esporte, ou seja, resgatar a cooperação, a solidariedade, o respeito, o

companheirismo, e com atitudes é preciso valorizar a mulher no cenário esportivo por suas habilidades para enfrentamento da violência e oferecer novas possibilidades de vivências no esporte, trazendo mais visibilidade na mídia e apoio de patrocinadores, para que cada vez mais as atletas consigam ganhar espaço diante da sociedade.

REFERÊNCIAS

- Bourdieu, Pierre. (1996). Novas reflexões sobre a dominação masculina. *Gênero e saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 28-40.
- Chauí, Marilene. (1998). "Ética e violência". *Teoria & Debate*. São Paulo. Fundação Perseu Abramo, n. 39, p 32-41.
- Freitas, S. G. (2000). Mulher, esporte, sexo, imagem corporal e hipocrisia. Palestra de abertura do I Fórum de debates: Mulher & Esporte-Mitos e Verdades.
- Knijnik, Jorge Dorfman; Vasconcellos, Esdras Guerreiro. (2003). Mulheres na área no país do futebol: perigo de gol. *Mulher e Futebol: mitos e verdades*, p. 165-175.
- Knijnik, Jorge Dorfman; Simões, Antonio Carlos. (2000). Ser é ser percebido: uma radiografia da imagem corporal das atletas de handebol de alto nível no Brasil. *Revista Paulista de Educação Física*, v. 14, n. 2, p. 196-213.
- Michaud, Yves.(1989). *A violência*. São Paulo, Ática.
- Paim, Maria Cristina Chimelo; Strey, Marlene Neves. (2008).A face oculta das violências contra a mulher no contexto esportivo. *Revista EFDeportes*. com. Buenos Aires, ano, v. 12.
- Paim, Maria Cristina Chimelo; Strey, Marlene Neves. (2006). Marcas da violência de gênero contra a mulher no contexto esportivo. *Revista Digital-Buenos Aires*, v. 11.
- Paim, María Cristina Chimelo; Strey, Marlene Neves. (2007). Violência no contexto esportivo: Uma questão de gênero?. *Lecturas: Educación física y deportes*, n. 108, p. 20.
- Strey, Marlene Neves; De Azambuja, Mariana Porto Ruwer; Jaeger, Fernanda Pires. (2004). *Violência, gênero e políticas públicas*. Edipucrs.
- STrey, Marlene Neves; GC, Werba. (2012). Longe dos olhos, longe do coração: Ainda a invisibilidade da violência contra a mulher. Grossi PK, Werba GC, organizadores. *Violências e gênero: Coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: Edipucrs, p. 73-83.
- Stornes, tor; Roland, Erling. (2004). Handball and aggression: An investigation of adolescent handball players' perceptions of aggressive behavior. *European Journal of Sport Science*, v. 4, n. 1, p. 1-13.

Recebido em: 02/04/2020

Aceito em: 15/06/2020

Endereço para correspondência
Michelle Clerc de Matos*
michelle.clerc@hotmail.com

